

O VIZINHO DA FEIJOADA

Um velho político do Rio inventou, há muitos anos, a peixada cívica. Depois — entre a lingüiça com farofa do Sr. Washington Luís e o frango ao molho partido com angu do Dr. Juscelino — houve imensos churrascos à moda do Sul. Agora surge uma nova instituição da culinária política, a feijoada subversiva, que começa com uma cachacinha e acaba em um IPM.

Para mostrar o perigo de uma feijoada, vou contar uma história. Não conheço o seu herói, nem êle tem culpa alguma de que essa história venha a público; comentou-a apenas no recesso do lar, e se eu soube do caso foi por vias travessas. Trata-se de um industrial, homem de bem e pessoa de bens, estranho à política. A feijoada não foi em sua casa, nem êle comeu dela; foi na casa do vizinho, o editor Ênio Silveira.

Estava o nosso herói pôsto em sossêgo quando bateu à sua porta um capitão do Exército. Queria que êle dissesse quem comparecera à feijoada na casa do vizinho. O homem respondeu o que qualquer homem de bem responderia: que não tinha costume de vigiar a vida do vizinho. Mal conhecia de vista o editor, e não sabia quem tinha ido comer seus feijões. "Pois vá se lembrando, que amanhã o senhor terá de contar tudo ao Cel. Pina; amanhã, às 8 e meia, no Ministério da Educação." Respondeu o homem que no dia seguinte não pretendia ir à Cidade tão cedo; então ficou sabendo que não se tratava de um convite, mas de uma intimação. Intimação para depor em um IPM.

Não há quem não trema ouvindo falar em Cel. Pina e em IPM; há mesmo quem faça confusão e traduza a sigla por Inquisidor Pina Manique; mas isso, como se verá, é maldade da oposição. Foi o homem ao Cel. Pina, que o recebeu com toda a cortesia e lhe perguntou quem comeria a feijoada de seu vizinho. Disse que não sabia, nem cuidara disso. O Coronel parece que achou a resposta correta e normal; mas não mandou o homem embora. Ficou a fazer considerações sobre a dificuldade que há em lutar contra a subversão comunista. É um trabalho ingrato e mal compreendido. A propósito dessa incompreensão referiu-se ao Supremo Tribunal e ao Presidente da República, aquêle a conceder habeas-corpus lamentáveis, este a temporizar como um molenga, no lugar de mandar baixar o pau. Tinha esperança, entretanto, de que a Revolução, apesar disso, cumpriria sua obra, e quem se erguesse contra ela não prevaleceria. Falando com uma franqueza simpática, o Coronel conseguiu prender seu interlocutor mais de duas horas — prender não apenas no sentido material mas também pelo interesse da conversa. A certa altura o homem falou em eleições. O Coronel disse que era contra, e explicou por quê: o povo ainda não compreendeu a Revolução, e esta perderá o pleito em todos os Estados em que ele se ferir. Com essa dispensou a *testemunha*.

Não sei se o Coronel Pina percebe até que ponto ele próprio, com toda sua sinceridade e honradez, e seus colegas de vários IPMs, contribuem para impopularizar a Revolução, com suas arbitrariedades e seus atentados inúteis aos direitos do homem. Entre os quais, embora isso não esteja especificado na Carta das Nações Unidas, peço licença para incluir mais duas franquias: a de comer feijoada pelo menos uma vez por semana, e a de não saber quem comeu a feijoada do vizinho.